



ASPIRINA

LUTA CONTRA DOR FAZ 100 ANOS



O químico alemão Felix Hoffman, funcionário da Bayer, tinha 29 anos quando descobriu, em 1897, o poder analgésico da Aspirina

Ana Beatriz Magno
Da equipe do Correio

Abriga contra a dor tem a idade do Homem. Nos tempos da Pedra, a água era o remédio, revelam desenhos deixados nas cavernas.

Antes de Cristo, na Grécia Antiga, bruxaria e ervas medicinais tentavam amenizar os males do corpo. Pouco conseguiam, até que o ópio chegou ao Ocidente, no século XVII. Diminuía o sofrimento, mas espalhava o vício.

No século XIX, o mesmo em que Sigmund Freud inventa a psicanálise e avisa que a dor é inerente ao Homem, cientistas do mundo inteiro procuram a fórmula de um analgésico eficiente. Encontram receitas, como a do ácido salicílico, que pecam pelo excesso de efeitos colaterais.

Foi assim até 1897, quando o jovem químico Felix Hoffman chegou ao princípio do alívio: sintetizou o ácido acetilsalicílico, o AAS, analgésico que entrou para a história com o nome de Aspirina.

A descoberta foi em agosto de 1897, na Alemanha. Hoffman tinha 29 anos, era funcionário da Bayer, na época poderosa empresa de tintas que começara a entrar no mercado de medicamentos, graças à expertise de Carls Duisberg, supervisor do Departamento de Patentes da empresa.

Duisberg percebeu que na fabricação de tintas toneladas de paranitrofenol eram jogadas fora. A substância tinha propriedades semelhantes ao antitérmico da moda, a anacetanilina. Uma visita ao lixo da Bayer foi suficiente para a mudança de rumo nos negócios.

A primeira linha de pesquisa montada foi a de analgésico. Duisberg viu que não havia nada que combatesse de maneira eficiente dores pequenas ou grandes. Fora o ópio, o único produto que começava a dar resultados era o ácido salicílico, mas arrebentava com a mucosa gástrica (parede do estômago).

Hoffman, recém-formado, recebe, então, do próprio Duisberg a missão de encontrar uma variante mais saudável do ácido. O químico se anima com as pesquisas e enxerga a possibilidade de ajudar seu próprio pai, um doente grave de reumatismo crônico.

Ele passa dia e noite debruçado sobre livros nos laboratórios da Bayer. Hoffman dedica-se especialmente a estudar os escritos do francês Charles Frederic Gerhardt que 43 anos antes sintetizara o acetil sem alcançar a estabilidade e a pureza química necessárias para o uso terapêutico.

Em agosto de 1897, Hoffman

Fotos: Reprodução



chega pela primeira vez ao ácido acetilsalicílico, o AAS. Faz vários testes e, em 10 de outubro, escreve a descoberta num pequeno protocolo de papel.

Dois anos depois, em janeiro de 1899, o AAS ganha o nome de Aspirina. Tratava-se de uma homenagem à planta *Spirea ulmaria*, uma das fontes de pesquisa usada por Hoffman.

Passado um século, o pequeno

círculo branco com um centímetro de diâmetro não só mudou o destino de enxaquecosos como também passou a ser usado para combater problemas mais sérios — como pressão alta e herpes. Hoje, é o remédio mais comercializado do mundo. Está nas farmácias de 170 países e, sozinho, representa 8% dos US\$ 31,5 bilhões faturados anualmente pela Bayer.

Só em 1996, 11 bilhões de com-

primidos de Aspirina foram vendidos em todo o planeta. Gente como a médica e vice-governadora de Brasília, Arlete Sampaio trata o analgésico com devoção.

“A Aspirina é o único medicamento que eu tomo. De resto, me trato com homeopatia, plantas medicinais e acupuntura”, conta a vice que, volta e meia, é atormentada por uma terrível enxaqueca e, por isso, jamais se separa do fras-

co de comprimido, único remédio em sua na bolsa.

Arlete está entre os brasileiros que juntos, no ano passado, consumiram 324 milhões de comprimidos de Aspirina. Parece muito mas, por aqui, ela está em segundo lugar na preferência dos consumidores. Perde para a Novalgina, coisa que deixa os executivos da Bayer de cabelo em pé.

Eles querem a liderança do mercado e, para isso, investiram no últi-

mo Carnaval US\$ 2 milhões em propaganda só na modalidade efervescente do remédio. Ao todo, até final de ano serão usados US\$ 8 milhões em marketing no Brasil, onde o pacote com dois comprimidos fica por R\$ 0,89 para o consumidor.

O setor de pesquisas da empresa também é gigante. Há centros de investigação no Japão, Estados Unidos e Alemanha — país sede da multinacional. Nada menos do que 12 mil cientistas pesquisam novas aplicações para o analgésico.

O médico italiano Giuseppe de Benedittis descobriu, por exemplo, que o analgésico alivia a dor de 79% das pessoas com herpes zoster quando aplicado na pele.

Os maiores avanços foram na área cardíaca. O pesquisador da Universidade de Oxford, Colin Baigent constatou que uma dose média diária entre 75 e 325 miligramas de aspirina protege contra o ataque cardíaco e reduz de um para quatro os riscos de enfarte em pessoas com tendência para doenças do coração.

No Brasil, gente importante já usa a Aspirina de forma preventiva. É o caso de Adib Jatene, ex-ministro da Saúde e cardiologista dos mais respeitados do país. Todos os dias, ele toma uma cápsula de 100 miligramas do remédio para afastar males do coração.

“Ela é um eficiente adesivo antiplaquetário”, explica professoral. “Só é preciso ter cuidado para não ingeri-la em períodos pós-operatórios”, ensina e completa: “quem tem alergia ao medicamento e problemas gástricos sérios também deve ter cuidado pois a Aspirina possui efeitos colaterais sobre a mucosa do estômago”.

O ensinamento tem razão de ser. A aspirina não é recomendada para quem tem úlcera ou gastrite. O remédio faz mal para o estômago. Justamente por isso, pesquisadores da Bayer desenvolveram uma modalidade de analgésico especial para quem sofre de problemas gástricos. É uma cápsula revestida de um material que protege as paredes estomacais.

A técnica é nova. No passado, devoradores de Aspirina como o poeta João Cabral de Melo Neto penaram com os efeitos das pílulas brancas no estômago.

João Cabral, 72 anos, 40 de enxaqueca combatida com pelo menos uma aspirina por dia, teve em 1986 uma úlcera no estômago e outra no duodeno.

Não era para menos. O poeta era tão viciado no medicamento que chegava a tomá-lo à seco, sem água. Dizia que servia para multiplicar o efeito. Mas, há 11 anos, foi proibido pelos médicos de tomar Aspirina. A enxaqueca sumiu de sua vida e agora o analgésico está apenas na memória dos versos que o poeta pernambucano fez em homenagem a seu vício, no poema *Num Monumento à Aspirina*:

Claramente: o mais prático dos sóis, o sol de um comprimido de aspirina: de emprego fácil, portátil e barato, compacto de sol na lápide sucinta.